

A GEOGRAFIA EM CLARICE LISPECTOR NO CONTO “O MORTO NO MAR DA URCA”

**GEOGRAPHY IN CLARICE LISPECTOR'S SHORT STORY
“THE DEAD MAN IN THE SEA AT URCA”**

**LA GEOGRAFÍA EN CLARICE LISPECTOR EN EL CUENTO
“EL MUERTO EN EL MAR DE URCA”**

Rafael Ghidini

Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) – .rafa.xt@protonmail.com

Recebido em 28/02/2024. Aceito para publicação em 07/05/2025.
Versão online publicada em 04/07/2025 (<http://seer.ufrgs.br/paraonde>)

Resumo:

A relação entre Geografia e Literatura, que se distanciou no período pós-Renascimento, reaparece, sobretudo a partir do século XX. Neste sentido, o geógrafo retoma a importância do texto literário enquanto sujeito ativo para a compreensão do espaço geográfico, superando a literatura meramente descritiva. É nesse movimento que a obra de Clarice Lispector tem muito a contribuir, considerando seu caráter eminentemente espacial. No conto “O morto no mar da Urca”, a personagem principal demonstra uma dualidade espacial que resulta, por um lado, da simultaneidade de eventos trágicos banalizados e, por outro, de eventos banais tornados trágicos. Neste passeio entre a subjetividade do ser e a objetividade da realidade espacial, a obra clariciana possui contribuição valiosa, se aproveitada para o pensamento geográfico.

Palavras-chave: Geografia e literatura. Clarice Lispector. Literatura e espaço.

Abstract:

The interconnection between Geography and Literature, which grew distant during the post-Renaissance period, reemerges, especially from the twentieth century onwards. In this context, the geographer restores the importance of the literary text as an active subject for the understanding of geographical space, transcending the merely descriptive literature. It is in this movement that Clarice Lispector's work has much to contribute, given its remarkable spatiality. In the short story “The dead man in the sea at Urca”, the main character exhibits a spatial duality that results, on the one hand, in the simultaneity of trivialized tragic events and, on the other, in banal events made tragic. In this interplay between the subjectivity of the being and the objectivity of spatial reality, Lispector's work offers a valuable contribution when utilized in geographical thinking.

Keywords: Geography and literature. Clarice Lispector. Literature and space.

Resumen:

La relación entre Geografía y Literatura, que se distanció en el periodo de pos-Renacimiento, reaparece, principalmente, a partir del siglo XX. En este sentido, el geógrafo retoma la importancia del texto literario como sujeto activo para comprender el espacio geográfico, superando la literatura meramente descriptiva. Es en ese aspecto que la obra de Clarice Lispector puede contribuir mucho, considerando su carácter eminentemente espacial. En el cuento “El muerto en el mar de Urca”, el personaje principal demuestra una dualidad espacial que resulta, por un lado, de la simultaneidad de eventos trágicos banalizados y, por otro, de eventos banales convertidos en trágicos. En ese movimiento entre la subjetividad del ser y la objetividad de la realidad espacial, la obra clariciana tiene una valiosa contribución, si se aprovecha para el pensamiento geográfico.

Palabras-clave: Geografía y literatura. Clarice Lispector. Literatura y espacio.

1. Introdução

O presente trabalho pretende realizar uma aproximação inicial entre Geografia e Literatura a partir da obra da escritora brasileira-ucraniana Clarice Lispector. Para tal, elegemos o conto *O morto no mar da Urca*, parte da coletânea *Onde estivestes de noite*, como objeto de análise. Trata-se de pesquisa desenvolvida no decorrer da disciplina “*Espaço, Geografia e Literatura*”, ministrada pela Professora Doutora Aline de Lima Rodrigues no Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGEA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no segundo semestre de 2023.

Tal empreitada investigativa se mostra relevante, por um lado, em virtude do potencial dos textos da autora para a análise geográfica. Por outro, pelo fato de que este potencial tem sido pouco explorado pelos geógrafos. De fato, em consulta às bases do Portal de Periódicos da Capes e do *Directory of Open Access Journals* (DOAJ), utilizando os termos “Clarice Lispector”, “Geografia” e “Geography”, sem qualquer delimitação temporal, encontramos um total de 18 artigos científicos. Destes, quatro eram registros duplicados, disponíveis em duas ou mais plataformas. Além disso, outros nove artigos não possuíam relação direta com a Geografia ou com a literatura clariciana, embora contivessem os termos pesquisados. Dessa forma, restaram apenas cinco artigos dedicados à temática em foco, o que demonstra a exploração ainda inicial, por parte dos geógrafos, da obra de Clarice Lispector.

Visando contribuir para este debate, partimos, em um primeiro momento deste texto, de um breve retorno à discussão sobre a relação entre Geografia e Literatura, bem como sobre suas potencialidades. Convém destacar que acreditamos, em sintonia com Cavalcante (2020), que a pesquisa em Geografia e Literatura não deve, apenas, limitar-se à análise do texto literário

em si, mas deve também levar em consideração as *geobiografias* dos autores, que influenciam diretamente no conteúdo da obra produzida.

É por essa razão que, na seção seguinte, resgatamos rapidamente a biografia de Clarice, destacando seu caráter nômade e algumas características de sua escrita. Na próxima seção, apontamos aspectos de sua coletânea de contos *Onde estivestes de noite*¹ para, em seguida, partimos para a análise de um dos textos desta coletânea, *O Morto no Mar da Urca*, apontando suas possíveis contribuições para o desenvolvimento do pensamento espacial. Por fim, oferecemos breves considerações a título de conclusão, retomando aspectos centrais do texto. Dessa forma, esperamos evidenciar as interfaces possíveis entre a literatura clariciana e a interpretação do espaço por meio do instrumento do texto literário.

2. Geografia e Literatura: uma relação necessária

Todo estudo científico se reveste de uma racionalidade que, por vezes, o afasta de outras áreas do saber não estritamente racionais. É por essa razão que ciência e arte, embora reconhecidamente inter-relacionadas, não são vistas de modo conjunto, fazendo com que o objeto e a ação do artista sejam diferentes daqueles do cientista.

Todavia, as diferentes ciências, como as entendemos em suas definições modernas antes de tornarem-se, de fato, ciências independentes, têm em suas origens funções que, vez que outra, estão diretamente relacionadas com as artes. Marandola Jr. e Oliveira (2009) apontam que Geografia e a Literatura estiveram vinculadas, de modo umbilical, até o Renascimento.

Fato é que, durante a Idade Média, a figura dos monges copistas estava muito presente na produção e armazenamento do conhecimento geográfico sobre o mundo. Em um contexto de limitado deslocamento, o conhecimento sobre o espaço vinha das autoridades do passado que preservaram informações sobre o mundo em textos que eram copiados, replicados e adaptados. Além da prática da cópia, outro elemento marcante do período medieval foi a intertextualidade, ou seja, a produção de novos textos a partir de escritos antigos, sem a adição de fatos inéditos provenientes da experiência empírica, o que reforça o papel central do texto enquanto principal mecanismo do estudo geográfico no período. Assim o texto, muitas vezes romantizado, era o meio por excelência para o conhecimento do mundo (Kimble, 2000).

Um importante exemplo da influência das autoridades textuais foi a obra *Viagens Il Milione*, do explorador veneziano Marco Polo. A importância desta literatura de viagem na construção de compreensões espaciais de mundo (simultaneamente fantasiosas e verídicas) pode ser percebida nos diários da descoberta da América, registros pessoais do próprio Cristóvão Colombo que acreditava ter encontrado, nas terras americanas, os locais do Oriente descritos por Polo em sua *Viagens*¹.

Tamanha era a influência das autoridades textuais sobre Colombo que este tinha grande dificuldade em entender o impacto de sua “descoberta” para o conhecimento de mundo da época. Tanto é que, após suas quatro viagens, morreu acreditando ter chegado nas Índias, e não em um continente totalmente desconhecido para o pensamento europeu do período (Kimble, 2000).

Foi com a modernidade que a conexão entre o espaço e a literatura se perdeu. Com a institucionalização do saber científico separou-se o que era arte do que era ciência e desenvolveu-se uma barreira, uma dificuldade, por parte das ciências, em aceitar as criações artísticas — e, dentre elas, a literatura — enquanto conhecimento legítimo (Marandola Jr; Oliveira, 2009).

É durante o decorrer do século XX que esse vínculo retorna, aos poucos, no estudo dos geógrafos. Pierre Monbeig aponta, na década de 1950, que o melhor modo para o geógrafo conhecer uma cidade é, primeiro, conhecendo seus romancistas (Monbeig, 1957). Ainda uma década antes, destacava que tanto a literatura quanto a Geografia têm um campo em comum: a descrição da paisagem. Se à Geografia compete o estudo das paisagens, faz-se necessário, em um primeiro momento, descrevê-las, para só depois explicá-las (Monbeig, 1940).

Mas é apenas na virada do milênio que o recurso à literatura no pensamento geográfico consegue ir além de uma perspectiva meramente descritiva. Não por coincidência, este é o período de desenvolvimento e consolidação das vertentes cultural e humanista, que até a atualidade prevalecem nos estudos que envolvem a conexão entre Geografia e Literatura. Sobre esse predomínio, assevera Fernandes (2020) que:

¹ Optamos, neste trabalho, por abreviar os títulos das obras a partir de sua segunda citação, com vistas a evitar repetições desnecessárias.

[...] retomando as reflexões de Bertrand Levy (1997), vale destacar que a geografia humanista tem o foco de sua atenção mais direcionado para o indivíduo e a forma como este percebe os lugares e sua dimensão espacial. Neste sentido, a perspectiva humanista tem um diálogo mais amplo com a psicologia e com determinadas perspectivas filosóficas, tal como, a fenomenologia. No que tange à geografia cultural, o autor nos permite afirmar que a própria polissemia do termo “cultura” conduz a um diálogo mais amplo com a condição social dos indivíduos. A diferença apresentada não exclui a possibilidade de se estabelecer relações entre esses subcampos, mas torna mais clara a possibilidade de relacioná-los e entender as suas atuações na produção acadêmica que tem se dedicado à relação entre geografia e literatura (Fernandes, 2020, p. 400).

Tanto a perspectiva humanista quanto a cultural ultrapassam a barreira que impõe a descrição da paisagem como única faceta geográfica do texto literário. Seja pelo aprofundamento da percepção do ser sobre o espaço, na perspectiva humanista, ou pelas múltiplas conexões que o próprio termo “cultura” induz em sua polissemia, como bem lembra Fernandes (2000), pensar a relação entre Geografia e Literatura significa compreender o que a Literatura pode acrescentar ao pensamento geográfico, não o que simplesmente reproduz.

São abundantes as descrições espaciais presentes em textos literários, tanto é que Monbeig (1940) reconhecia que “[...] a geografia se tornou cada vez menos literária ao passo que a literatura se tornava dia a dia mais geográfica [...]” (p. 225), mas o mesmo autor também reconhece que ambas as coisas, Geografia e Literatura, não se confundem. Se a Literatura já realiza o trabalho da descrição espacial, o que restaria à Geografia fazer?

[...] A atenção do geógrafo fixa-se sobre fenômenos complexos; ele se esforça por decifrar as ações e reações dos diversos fenômenos físicos, entre si e em relação ao homem. São essas relações sutis, os elementos com que trabalha. De um todo, que como tal se apresenta aos olhos do profano, procura o geógrafo decompor os diversos elementos, determinar-lhes o valor exato, sem entretanto isolá-lo arbitrariamente, pois deseja compreender como se realiza sua combinação [...] (Monbeig, 1940, p. 224).

É na compreensão da totalidade que o geógrafo contribui. Esse entendimento significa romper com uma perspectiva descritiva em prol da percepção do sujeito sobre o espaço, na variedade e multiplicidade em que essas percepções acontecem. Neste ponto, a Geografia colhe frutos férteis no terreno literário pois a

[...] linguagem específica do romance está na sua forma de representação de mundo, produzindo diferentes representações do espaço. Este discurso funda um novo mundo a partir da linguagem escrita, ficcional, que mesmo que não prime pelos postulados realistas, não pode senão estar falando da própria realidade [...] (Marandola Jr; Oliveira, 2009, p. 502).

Este “novo mundo” é gestado a partir de compreensões sobre a realidade, e por essa razão não é outra coisa além de entendimentos, percepções sobre essa mesma realidade. Inclusive, como ressaltam os autores citados, mesmo quando o texto literário é ficcional, ele versa, necessariamente, sobre algum entendimento da realidade, ou seja, sobre alguma compreensão do espaço real. Para ilustrar o falso antagonismo real-ficcional, lembremo-nos aqui, por exemplo, do que seriam as “inspirações” de um conto, sendo o recurso literário da metáfora nada além da representação, com outras formas e entonações, de um fato real e já conhecido.

Sobre o primeiro caso, podemos citar *Capitães da Areia*, de Jorge Amado. Mesmo sendo um romance ficcional e Pedro Bala (seu protagonista) nunca tendo sido, ele próprio, uma criança real, existiam inúmeros “Pedros” na realidade urbana da Salvador do século XX, inspiração do romance, que foram trazidos à vida e solidificados na figura do personagem, em uma “nova Salvador” que traz à luz partes de uma Salvador real e esquecida.

Já sobre o segundo caso, *A Revolução dos Bichos*, do britânico George Orwell, nos parece um exemplo adequado. Ilustrando de modo cômico e metafórico o comunismo da União Soviética, destaca as dificuldades enfrentadas pelo regime e a contradição de seus ideais, o que não deixa de ser uma leitura geopolítica da Guerra Fria. Tanto em *A Revolução* como em *Capitães* temos obras ficcionais que não versam sobre outra coisa que não a própria realidade.

Se a literatura versa, então, sobre o real, e se a parte que cabe à Geografia é a compreensão da totalidade, como capturá-la? Se compreendemos a importância da literatura para o estudo do geógrafo, restam, então, as questões de método. Em estudo recente, Fernandes (2020) realiza um panorama das pesquisas sobre Geografia e Literatura publicadas em periódicos no Brasil, destacando seu caráter contemporâneo e sua diversidade metodológica. Ao analisar 37 periódicos classificados entre os estratos A1 e B2, na área da Geografia, encontrou artigos sobre a temática em apenas 17 deles, a maioria fundados a partir da década

de 1990. Nestes 17 periódicos, constatou existirem 37 artigos no campo da Geografia e Literatura, que dividiu de acordo com suas tendências teóricas.

Segundo o referido autor, 22 destes textos apresentavam referenciais vinculados à Geografia Humanista, enquanto 21 conectavam-se com a Teoria Literária, 18 com a Teoria da Geografia e 16 com a Geografia Cultural, enquanto outras tendências teóricas aparecem em menor número². Percebe-se, de modo geral, que a Geografia Humanista vem investindo mais nos estudos de Geografia e Literatura, quando comparada com outras correntes, embora exista diálogo constante entre a Geografia Humanista e a Cultural, o que pode ser visto em 13 textos nos quais as duas perspectivas aparecem simultaneamente. Ao mesmo tempo, a Geografia Cultural tem apresentado uma permeabilidade maior para com outras tendências teóricas, de modo que aparece mais em colaboração com outras perspectivas do que de modo autônomo (Fernandes, 2020).

Na década de 1990, o geógrafo Marc Brousseau já percebia a importância da Geografia Humanista neste campo. Assevera Cavalcante (2020) que

Para Marc Brosseau (1996) [...] têm sido três as formas de apropriação da literatura por parte da geografia, cada uma delas dentro de uma perspectiva teórico-metodológica diversa, quais sejam: *a literatura como complemento de uma geografia regional*; *a literatura como transcrição da experiência dos lugares* e; *a literatura como crítica da realidade ou da ideologia dominante*. As orientações teórico-metodológicas não definem os autores e as obras a serem abordadas, mas estabelecem meios para compreensão desses autores e dessas obras [...] (Cavalcante, 2020, p. 194, grifos do original).

No caso da *literatura como complemento de uma geografia regional*, há preocupação rígida com o método, no compromisso de obtenção da verdade. Logo, a questão da veracidade é muito importante e o aspecto documental da obra literária ganha destaque. É uma perspectiva vinculada à Geografia Regional francesa, da qual Monbeig falava quando apontava a “descrição das paisagens” no estudo geográfico. A *literatura como transcrição das experiências dos lugares* abarca a perspectiva humanista e o embate entre o objetivo e o subjetivo nas representações e

² Convém destacar que, no estudo de Fernandes (2020), um mesmo artigo poderia ser classificado em mais de uma tendência teórica, motivo pelo qual a soma das tendências apresentadas ultrapassa o total de artigos (37).

apreensões dos lugares, visão que tem predominado nos estudos brasileiros (Fernandes, 2013; 2020).

Já a *literatura como crítica da realidade ou da ideologia dominante* está inscrita numa perspectiva de busca por justiça social, na qual a literatura pode contribuir demonstrando o que a realidade poderia, ou deveria ser, contribuindo para a interpretação do espaço a partir de uma matriz teórica de inspiração marxista, vinculada à Geografia Crítica (Fernandes, 2013).

3. Clarice Lispector e a Geografia para além do sujeito

Brousseau (2007, apud Fernandes, 2013) ressalta que uma questão comum, para as três vertentes apontadas, é a relação do geógrafo com o texto literário. Na maioria das vezes, tanto a Geografia Regional, a Geografia Humanista ou a Geografia Crítica posicionam o pesquisador enquanto sujeito, de um lado, e o texto literário como objeto, do outro. Essa visão prejudica o estabelecimento de uma relação de diálogo, na qual o texto literário possui voz e não é apenas uma fonte que supre uma dada necessidade específica do pesquisador. Por isso,

Entendendo, porém, que os romances têm uma fala própria, Brosseau aborda-os, dialogicamente, como sujeitos capazes de revelar novos olhares para os geógrafos na apreensão dos espaços e dos lugares. O romance passa assim a ser um sujeito geográfico, com linguagem própria, passível de ser apreendida pelo geógrafo atento àquilo que ele tem a contar sobre a paisagem dos homens (Cavalcante, 2020, p. 194).

É desse modo que as características da escrita de um dado texto literário permitem o desenvolvimento de compreensões que são, também, específicas, e potencializadas pelas ênfases utilizadas pelo autor e pelos modos por meio dos quais representa a realidade espacial na qual se inspira e de onde vem sua influência. Essa representação pode acontecer de forma verossímil ou alegórica, em escalas amplas ou reduzidas, em movimento ou de forma estática.

As características das quais falamos advêm, sobretudo, da prática de escrita do autor, que também é um sujeito carregado de intencionalidades. Por isso, compreender geograficamente uma obra literária passa, necessariamente, por perceber o papel de seu autor na construção da narrativa. É nesse caminho que Cavalcante (2020) sugere três momentos para a análise geográfica de obras literárias. São eles: *as geografias pessoais* do escritor, visando compreender o contexto geográfico de sua produção; *as geografias telúricas*, que versam sobre

o entendimento do escritor sobre a própria Geografia e; por fim, *as geografias imaginativas*, que são aquelas de fato presentes no conteúdo literário produzido. As geografias pessoais e as geografias telúricas nos permitem entender, inclusive, as inspirações do autor, perceptíveis na obra literária.

É seguindo a sugestão de Cavalcante (2020) que introduzimos a escritora foco do presente trabalho: Clarice Lispector. A escolha por Clarice acontece devido à quase inexistente discussão sobre a sua literatura no meio geográfico, embora sua produção literária possa ser valiosa para o estudo do geógrafo na compreensão da relação entre o ser humano e o espaço. Mas quem foi Clarice?

Reconhecida como um dos nomes maiores da produção literária nacional, Clarice Lispector nasceu na Ucrânia, em 10 de dezembro de 1920. Dois anos depois, migrou com seus pais para o Brasil. Vinda de família judia, a migração transoceânica foi marcada pela fuga do antissemitismo crescente na Europa do entreguerras.

Clarice passa seus primeiros anos em solo brasileiro no Nordeste. Quando adulta, muda-se para o Rio de Janeiro, onde atua como jornalista e, simultaneamente, escritora. Depois, casa-se com o diplomata Maury Gurgel Valente e passa a acompanhá-lo em suas missões ao redor do globo, período no qual vive em diversos locais fora do Brasil. Quando divorcia-se de Valente, em 1959, retoma sua atuação como jornalista e volta a viver no Rio de Janeiro, onde permanece até sua morte, em 1977 (Montero, 1999, apud Andruchiw, 2020).

Em constante trânsito, sua vida foi marcada por deslocamentos, que começam com a fuga ao Brasil, ainda criança. Por isso,

Ao menos geograficamente, é possível afirmar que a pessoa de Clarice Lispector, mesmo que idealizasse o assentamento, é de natureza nômade. O histórico da escritora, nesse sentido, somente por uma leitura do prisma social em relação com a terra – inclusive pela ascendência judaica – indica um sujeito sempre em deslocamento, em um movimento sempre de saída, de abandono do território. De certa forma, mesmo que buscasse um solo fixo, por vários anos e por vários motivos, permaneceu continuamente em situação de trânsito. Devido a diversos fatores, como a guerra, perseguição aos judeus, busca por melhores condições de vida, casamento e a aderência à vida diplomática do marido, Clarice foi exposta a inúmeras mudanças e deslocamentos. Viveu de um território a outro, desde seu nascimento (Montero, 1999) [...] (Andruchiw, 2020, p. 24).

Em virtude de seu nomadismo, Clarice conhece diversas partes do mundo. Acompanhando o marido diplomata, passa por cidades como Nápoles (Itália), Berna (Suíça), Torquay (Inglaterra) e Washington (EUA). Nesses deslocamentos, convive com diferentes realidades espaciais e experimenta o contato com muitas culturas:

Fazendo eco com esses deslocamentos no espaço, as personagens de Clarice Lispector entregam-se também elas a uma mobilidade contínua e inesgotável manifestada em sucessivas viagens que marcam o destino de várias delas, sempre de partida: Joana, personagem de *Perto do Coração Selvagem* inaugura, com a viagem a que se lança no final do romance, a busca inquietante que as demais personagens empreenderam, cada uma a sua maneira. Virgínia, personagem de *O Lustre* abandonará o lugar onde nasceu para enfrentar a cidade grande. Lucrécia, personagem de *A Cidade Sitiada*, é movida pelo desejo de abandonar o subúrbio de São Geraldo. Martim, personagem de *A Maçã no Escuro*, tendo supostamente cometido um crime, foge da cidade e chega a uma fazenda, onde transcorre o romance. Já Macabéa, de *A Hora da Estrela*, é alagoana e vem tentar a vida no Rio de Janeiro. A busca de inserção num lugar é própria às personagens e à autora [...] passando essa busca de cidadania pela escritura [...] (Waldman, 1998, p. 97, grifos do original).

Isso fez com que Clarice fosse marcada por um permanente aspecto estrangeiro, não no sentido do estrangeiro enquanto aquele que está fora de sua pátria, mas daquele que não possui um lugar para chamar de seu e acaba por potencializar-se no exterior, no *fora*. Ao se desterritorializar, desvincula-se dos lugares e se reterritorializa frequentemente (Andruchiw, 2020).

Em sua escrita, isso significa uma visão constantemente desnaturalizada sobre as coisas. É a presença contínua do olhar inédito, o olhar que vê, pela primeira vez, o fato que narra e o objeto que descreve. Por um lado, é um olhar isento de conceitos pré-concebidos, pois sendo inédito não possui concepção prévia. Por outro, é o olhar curioso, que desconhece o que vê e por isso se interessa por todos os detalhes, aprofundando-se mesmo naquilo que é aparentemente banal.

Além disso, essa “busca de cidadania” significa também a procura, através do espaço, pelo entendimento de si próprio. Essa é a importância, por exemplo, do espaço urbano. Para as personagens femininas de Clarice, aponta Martinho-Ferreira (2016), a cidade é onde ocorre a busca pela quebra das barreiras de gênero, perseguindo a emancipação da mulher. Isso significa um papel enquanto sujeitas, e não mais objetos, em um mundo marcado pelo patriarcado. Em seus deslocamentos pela cidade, e nas experiências que advém desses deslocamentos,

entendem a sua localização no mundo e, em última medida, procuram por cidadania e participação igualitária na sociedade.

Para além da dimensão do nomadismo, o potencial geográfico na representação do espaço nos textos de Clarice advém também do fato de que os significados de sua escrita extrapolam os limites do que está sendo dito. Em outras palavras, ganha relevância outro elemento: as entrelinhas. Waldman (1998) aponta que esta é uma marca — até mesmo não intencional — de sua origem judaica. De acordo com a referida autora, a escrita, no judaísmo, ocupa posição central no campo das representações religiosas, sobressaindo sobre outras formas. Por exemplo, ao mesmo tempo em que não são admitidas representações do Deus judaico por meio de ilustrações e esculturas, seu nome pode ser escrito e registrado pela palavra.

Todavia, não há um único termo para nomear essa divindade: Shadai, El, Elohim, Makom e Yah são nomes possíveis, além do tetragrama JHVH. Este último, impronunciável, reflete a dificuldade — e, no fim, a própria impossibilidade — da representação da completude do *todo* — Deus — por meio da palavra. Por maior que seja o esforço, por mais dedicada e profunda a escrita, sempre se trata do aproximar-se, da busca, da tentativa, mas que nunca consegue alcançar a representação ideal (Waldman, 1998).

Daí advém o significado especial do não-dito, do silêncio, porque a busca pela representação de algo revela também inúmeros outros *algos* não presentes no texto, mas visíveis pelo desenho criado em sua ausência. É a forma da sombra criada pela ausência da luz:

Esse livro nunca é o que já está escrito, nem mesmo o que está se escrevendo, mas *outra coisa* que não se chega a dizer: ele é sempre para mais tarde. Esse futuro para o qual aponta, contudo, não é acalentado por um projeto realizável, estando inevitavelmente fadado ao fracasso: o não-livro será seu melhor livro (Waldman, 1998, p. 101, grifos do original).

Nesse contexto, as relações entre o sujeito e o mundo não são apenas aquelas presentes no texto, mas também as que podem ser encontradas nos espaços em branco, entre as linhas do escrito que, embora não descritas explicitamente, podem ser percebidas pelas formas evidenciadas pela sua ausência, ultrapassando a dimensão do sujeito. Não o percebe, pois, como ponto final da análise, mas como ponte para alcançar a objetividade do mundo vivido. É essa

combinação entre o dito e o não dito que instiga o aprofundamento da investigação do relato literário, permitindo olhares inéditos até mesmo para elementos do cotidiano.

Todavia, a amplitude metodológica da literatura clariciana não se limita ao campo da Geografia Humanista. Relembrando a dimensão cultural e suas interfaces com a condição social dos sujeitos, como aponta Fernandes (2020), entendemos que o contato do geógrafo com o texto literário, na perspectiva sujeito-sujeito sugerida por Brousseau (2007, apud Fernandes, 2013), ocasiona o debate, entre leitor e autor, texto e autor, leitor e texto, e esse debate, que envolve necessariamente o contexto de produção da obra (Cavalcante, 2020), possibilita o alcance de questões que extrapolam o indivíduo e se dirigem ao todo social.

Desse modo, o texto literário é também uma produção cultural localizada histórica e geograficamente, trazendo marcas do tempo e do espaço no qual foi produzido e, tão importante quanto, nos tempos e locais onde é lido, já que o leitor também é um sujeito dessa relação. Devido ao caráter cultural do livro, entendemos que a literatura clariciana e, em verdade, a literatura em geral, dificilmente poderia ser considerada como construção apenas da subjetividade. Ela extrapola a dimensão do sujeito e permite, assim, o entrelaçamento de múltiplas percepções na compreensão do todo. Essas percepções podem ser de diferentes ordens, mas todas acontecem, necessariamente, no espaço. E, como já apontava Monbeig (1940), é esta a posição do geógrafo: compreender a totalidade das relações e de seus entrelaçamentos espaciais.

Não é nosso objetivo, neste texto, demonstrar se a literatura clariciana se aproxima mais de uma ou outra tendência teórica dentro dos estudos de Geografia e Literatura. Entendemos que a obra de Clarice Lispector possui contributos valiosos para o pensamento geográfico, em qualquer de suas vertentes. Além disso, Fernandes (2020) já evidenciou que as diferentes correntes teóricas da Geografia não trilham caminhos solitários quando visitam o campo da literatura, atuando frequentemente em conjunto no estudo da obra literária.

Talvez seja uma procura em vão buscar por ricas descrições paisagísticas nos textos de Clarice. Sua Geografia não está na descrição do espaço, mas em seu movimento, em sua vida. Milton Santos já afirmava que o espaço geográfico só existe quando há, sobre ele, a ação humana (2007). O entendimento da relação ser humano *versus* espaço constitui a contribuição de Clarice Lispector para a Geografia.

3.1. *Onde estivestes de noite*: o espaço como busca

Clarice despertou desde cedo seu interesse pelas artes, sobretudo pela literatura. Com nove anos de idade, escreveu sua primeira obra, uma peça de teatro intitulada *Pobre menina rica*. Durante toda a vida, foi autora de oito romances, oito coletâneas de contos, além de dois livros de crônicas, quatro de histórias infantis e um de entrevistas. Sua trajetória como escritora inicia-se em 1944, aos 23 anos, quando é impresso seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, que foi bem recebido pela crítica. Nessa época, Clarice morava no Rio de Janeiro e atuava como jornalista. O mesmo sucesso não foi alcançado pelos seus três romances seguintes: *O Lustre* (1946), *A Cidade Sitiada* (1949) e *Maçã no Escuro* (1961). As três obras foram escritas no período em que Clarice viveu no exterior, após casar-se com Valente (Andruchiw, 2020; Resende; Franciscatti, 2008).

Neste mesmo período, em 1952, é publicado seu primeiro livro de contos, *Alguns contos*. Oito anos depois, pouco antes do retorno de Clarice ao Brasil, surge *Laços de Família* (1960), outro livro de contos que é seguido pelo romance de reestrela da autora em território nacional, *A paixão segundo G.H.* (1964). Depois, Clarice ainda publica outro contos (como *Felicidade Clandestina*, de 1971) e ficções (como *Água Viva*, de 1973), até que em 1974 é publicada a coletânea de contos *Onde estivestes de noite* (Andruchiw, 2020; Resende; Franciscatti, 2008).

De acordo com Curi (1998), *Onde* é um aglomerado de textos que, em sua maioria, já haviam sido publicados anteriormente de modo disperso no Jornal do Brasil. É composto por 17 contos sobre os mais variados temas, alguns dos quais alterados em relação às versões publicadas na imprensa. Cabe ressaltar que *Onde*, juntamente com *A via crucis do corpo* e *Visão de esplendor* (publicados em 1974 e 1975, respectivamente) representam os últimos contos e crônicas da escritora, que faleceu apenas dois anos depois, em 1977. Os escritos deste período final são marcados pela experimentação literária que é característica da fase ulterior da escritora, o que os diferencia de seus textos anteriores (Almeida, 2001), motivo pelo qual elegemos *Onde* como objeto de nossa análise.

Retomando o argumento de Martinho-Ferreira (2016) sobre a interface entre as personagens femininas e o espaço urbano, temos em obras deste período, como *A via crucis*,

[...] uma representação direta e sem rodeios do urbano mundo marginal: homossexuais, amantes, velhas solitárias são as personagens representadas quase sem pudor, sempre ávidas pela realização dos desejos mais pulsantes. Nessa fase, CL não se afasta da elaboração estética que sempre caracterizou sua obra, sofisticando-se percepção e compreensão da sexualidade do ser, arrastado às seduições do corpo e preso aos sussurros da alma [...] (Almeida, 2001, p. 1).

O dilema do feminino em sua relação com o espaço é perceptível também em contos de *Onde*. Em *A procura de uma dignidade*, o conto de abertura da coletânea, uma senhora de idade avançada perde-se na cidade do Rio de Janeiro, e a sua confusão com o espaço se mostra parte de uma confusão consigo mesma. Já em *A Partida do trem*, duas mulheres sentam-se frente a frente em um trem e compartilham entre si, involuntariamente, dilemas particulares que as obrigavam a migrar, refletindo sobre seus vínculos com o local de onde saíam e as esperanças no local de chegada.

Martinho-Ferreira (2016) ressalta o movimento das personagens de Clarice entre um espaço doméstico, restrito e seguro, e um espaço exterior, paradoxal, de vínculo e embate com o outro. É no externo que ocorre a luta por espaço, luta esta que se confunde com a busca por emancipação do ser feminino. Suzuki (2006) segue linha similar quando, ao analisar o conto *Preciosidade*, da coletânea *Laços*, percebe uma relação diferenciada da personagem com os diversos espaços que compõem a trama. Enquanto a casa é o espaço da segurança, a rua é um campo de batalha.

Campo de batalha, mas também ponto de encontro. Em *Uma tarde plena*, novamente em *Onde*, todos os passageiros de um ônibus se unem para apreciar um saguim, ao ponto de a personagem considerar o ônibus um “ambiente de família feliz”. Já em *As águas do mar*, o espaço da praia e, mais especificamente, o mar, relaciona-se de modo pessoal com a personagem, como se as águas deixassem de ser um elemento natural e se transformassem em um sujeito dotado de vontade.

Em *O manifesto da cidade* podemos encontrar propriamente a paisagem enquanto elemento componente do discurso. Enquanto observa Recife pela janela, a personagem apalpa suas formas à distância e busca por algo. Encontra a forma da Catedral, que não pode alcançar, percebendo, naquela paisagem, lugares inalcançáveis para si.

O espaço aparece também, de um modo ou de outro, nos outros contos da coletânea. Lins (1976) já nos falava, conforme lembra Suzuki (2006), que a narrativa ficcional não tolera a existência de elementos mortos. Ou seja, tudo que compõe uma narrativa deve possuir função no enredo, e assim o é com o espaço. Logo, os locais apresentados por Clarice, suas descrições e suas relações com as personagens não são mera coincidência ou irrelevância, ao contrário, são elementos fundamentais para a compreensão do texto, inclusive na perspectiva geográfica.

Considerando essa importância, elegemos um dos textos de *Onde* para um olhar mais aproximado, com o intuito de evidenciar a íntima conexão entre o espaço e o desenvolvimento da trama. Optamos por analisar o conto *O morto no mar da Urca*, pois consideramos que, neste texto, tal objetivo pode ser melhor explorado.

3.2. Da subjetividade à totalidade: a Geografia em *O morto no mar da Urca*

Iniciamos nossa análise tomando por empréstimo as conclusões de Marques e Chaveiro (2017) sobre outro texto de Clarice, *Perdoando Deus*, pois as consideramos igualmente válidas para o conto em foco. Destacam os autores que:

O conteúdo existencialista do conto “Perdoando Deus” tira o sujeito da passividade e da impessoalidade na produção da existência na grande cidade. Confronta-o com aquilo que é mais belo e mais horrendo da vida urbana. Convoca o sujeito a realizar escolhas, reflexões, a problematizar o próprio desejo. Dessa forma, lança luz aos modos com que os temas do mundo – violência, segregação espacial, desigualdade social – atingem a subjetividade (Marques; Chaveiro, 2017, p. 23).

De fato, em *O Morto* existe uma dualidade permanente entre realidades opostas, uma banal e outra trágica, o que estimula um constante desconforto e questionamento na personagem. O enredo do conto centra-se na figura de uma mulher, sem nome, que está no apartamento de Dona Lourdes, uma costureira de alto padrão no bairro da Urca, no Rio de Janeiro. Lá, enquanto provava um vestido, é informada pela costureira sobre a morte de um homem no mar, que a faz iniciar um questionamento sobre sua própria posição em relação ao

morto, ao mar, à Urca, e ao papel das mulheres na sociedade:

Eu estava no apartamento de d. Lourdes, costureira, provando meu vestido pintado pela Olly - e dona Lourdes disse: morreu um homem no mar, olhe os bombeiros. Olhei e só vi o mar que devia ser muito salgado, mar azul, casas brancas. E o morto? (Lispector, 1980, p. 97).

Há o choque com o diferente, com o tragicamente oposto. Enquanto prova o vestido, ouve falar de morte. Que relação possuem as duas coisas, tão antagônicas? A ideia de “choque” não é um recurso raro na literatura clariciana. Em *Perdoando Deus*, um rato morto aparece subitamente no meio do caminho. Em *A paixão segundo G. H.*, é o surgimento de uma barata o que desperta questionamentos na personagem. É o choque do banal com o trágico.

Trata-se do início de um processo em espiral, notado em Clarice tanto por Suzuki (2006) como por Marques e Chaveiro (2017), no qual a personagem aprofunda-se no entendimento de sua realidade circundante e de si mesma conforme retorna aos objetos do espaço e aos elementos da narrativa. Em *O morto*, embora todos os personagens e locais sejam desvelados já no primeiro parágrafo, cada vez que o morto reaparece ele está mais próximo do personagem, a cada retorno torna-se quase inédito.

Essa espiral parte da criação de duas perspectivas. A da personagem e a do morto que, embora opostas, coexistem no mesmo espaço, separados por uma janela, a do apartamento de Dona Lourdes. Em um primeiro momento, a personagem não vê o morto, não o encontra, e a imprecisão sobre quem ele é, de onde vem e como morreu é um desconhecimento que permanece durante todo o conto, como um mecanismo de negação de uma realidade — trágica — que é diferente daquela da narradora, no apartamento. São as entrelinhas, que podem ser percebidas, por exemplo, quando o morto não tem nome, enquanto a costureira tem.

A tristeza da realidade é ofuscada em seu olhar para a beleza das águas. O mar faz, assim, parte dessa dualidade, representando ao mesmo tempo beleza e morte. Em seguida:

O morto em salmoura. Não quero morrer! gritei-me muda dentro de meu vestido. O vestido é amarelo e azul. E eu? morta de calor, não morta de mar azul (Lispector, 1980, p. 97).

E Clarice deixa transparecer uma conexão, quase uma cumplicidade, entre a morte enquanto fato e o espaço no qual acontece com “o morto em salmoura” virando parte do mar, absorvendo seu sal, como se a morte fizesse parte do mar e lhe fosse natural: “morta de mar azul”. Ao mesmo tempo, a expressão “morta de calor” expressa as diferentes percepções que podem ser geradas por um mesmo fenômeno natural. Enquanto para quem prova um vestido em um apartamento o calor pode ser desconfortável, certamente não o é para quem está na praia. Ao mesmo tempo, banhar-se no mar pode ser, para alguns, ato de prazer, enquanto para outros significa a morte. Trata-se de uma mesma sensação, proveniente de um mesmo espaço, que significa coisas diferentes para sujeitos diferentes. Adiante:

[...] Eu não tenho história. O morto tem? Tem: foi tomar banho de mar na Urca, o bobo, e morreu, quem mandou? Eu tomo banho de mar com cuidado, não sou tola, e só vou à Urca para provar vestido [...] Morto de bobo que era. Só se deve ir à Urca para provar vestido alegre (Lispector, 1980, p. 97-98).

Como também é bastante comum nos textos de Clarice, a crítica ao papel desempenhado pelas mulheres na sociedade está presente em *O morto*. Surge por meio do trágico no banal (o morto que aparece durante a prova do vestido) e destaca-se, também, na interpretação dos espaços destinados às mulheres na cidade, questionando quais são adequados ao corpo feminino e quais não são.

A espiral prossegue. Durante todo o conto a personagem está em um dilema entre a preocupação com o homem — morto e afogado — e o alívio dessa preocupação causado pela prova do vestido:

Mas e o rapaz? e sua história? Capaz de ser estudante. Nunca saberei. Fiquei apenas olhando o mar e o casario. Dona Lourdes imperturbável, perguntando se apertava mais na cintura. Eu disse que sim, que cintura é para se ver apertada. Mas estava atônita. Atônita no meu vestido lindo (Lispector, 1980, p. 98).

Existe uma realidade espacial dual, entre o apartamento onde prova o vestido, e o morto frio e desconhecido no mar, o que reflete a coexistência de diferentes eventos em um mesmo lugar. Milton Santos já apontava que “[...] o entendimento dos lugares, em sua situação atual e em sua evolução, depende da consideração do eixo das sucessões e das coexistências” (Santos,

2017, p. 159). Logo, em uma das regiões mais valorizadas na cidade do Rio de Janeiro — o bairro da Urca — coexistem fenômenos totalmente diversos, e que interagem entre si:

[...] Então tinha uma mulher provando um vestido e que chegou tarde demais: o rapaz já estava morto. Salgado. Tinha piranha no mar? Fiz que não entendi. Não entendo mesmo a morte. Um rapaz morto? [...] Mas eu me curvo diante da morte. Que virá, virá, virá. Quando? aí é que está, pode vir a qualquer momento. Mas eu, que estava provando o vestido no calor da manhã, pedi uma prova de Deus. E senti uma coisa intensíssima, um perfume intenso demais de rosas. Então tive a prova, as duas provas; de Deus e do vestido (Lispector, 1980, p. 98).

É o embate entre o luxo e a simplicidade, o supérfluo e o importante, a vida e a morte acometendo sujeitos diferentes em um mesmo espaço. As coexistências de que fala Santos (2017) são coexistências técnicas, de objetos espaciais de diferentes épocas e com diferentes funções. Sendo o espaço uma construção humana, como apontado pelo mesmo autor, é possível entender que esse desenvolvimento desigual que o atinge afeta, necessariamente, os sujeitos que convivem neste espaço. Sobre as coexistências podemos citar, por exemplo, avenidas em grandes cidades que, durante o dia, são centros comerciais e financeiros e, durante a noite, se configuram como o espaço da prostituição. Ou, pensando em escalas mais amplas, em regiões como o Distrito Federal que apresenta, simultaneamente, o maior PIB *per capita* e a maior taxa de população em situação de rua por mil habitantes do país (Brasil, 2023).

O encontro com a morte na Urca em *O morto* gera efeito similar ao rato de *Procurando Deus*, despertando reflexões que permitem interpretar o Rio de Janeiro:

O “cartão postal do Brasil” é, nesse sentido, o cenário onde as contradições sociais se fazem latentes. E, ainda que uma “limpeza” social e arquitetônica preceda a materialização dos interesses dominantes na cidade, os efeitos retornam a esses espaços, sobretudo em matéria de violência (Marques; Chaveiro, 2017, p. 21).

A violência está em *O morto*, não a violência da morte em si, já que tudo indica que tenha sido accidental — o afogamento de um banhista —, mas a violência simbólica da subvalorização dessa morte, de sua naturalização. A violência tem sido um problema de longa data no Brasil, inclusive no Rio de Janeiro, fato que já levou o Governo Federal a intervir na segurança pública da cidade nos últimos anos. Além disso, não são incomuns manchetes policiais relatando a atuação de milícias e grupos do crime organizado que subestimam o valor da vida, ocasionando

a banalização da violência em todas as suas facetas. No conto, a morte não foi causada por nada de anormal, de diferente: “[...] tinha piranha no mar? Fiz que não entendi [...]” (Lispector, 1980, p. 98). Ela, simplesmente, aconteceu. Era parte daquele local, tanto quanto o vestido e a costureira. É a morte naturalizada, como parte do espaço.

Concordamos com Marques e Chaveiro (2017) quando, comentando a obra de Clarice, apontam que:

Nessa relação sujeito-mundo, sensações das mais diversas alternam-se, sobrepõem-se, conforme os espaços percebidos e vividos. A percepção do espaço é, portanto, elemento-chave na produção do desejo. E, esse desejo, não estanca, age no espaço concreto. Ao ler Clarice, o sujeito-leitor é provocado a problematizar sua relação com o mundo, enquanto mundo-fábrica de desejos (Marques; Chaveiro, 2017, p. 23).

Nesse sentido, compreender o espaço não significa, necessariamente, descrevê-lo. Santos (2017) aponta que a diferença entre o espaço e a simples configuração territorial é a presença humana, a ação humana. Para haver espaço, é preciso que o ser humano esteja presente, e este é carregado de sentimentos e de suas interpretações e visões de mundo.

Ao problematizar o mundo, rompe-se a barreira do subjetivo, pois ao entender a sua própria posição neste mundo, compreende-o também e busca pela sua mudança. Nesse sentido, ao se entender como parte do mundo, entende o mundo. O geógrafo, neste cenário, pode usar do espaço da/na narrativa como um elemento/sujeito totalizante, como já apontava Monbeig (1940).

Em *O morto* o leitor é levado a aprofundar-se na contradição espacial do começo ao fim, em um processo de conexão que é progressivamente mais profundo, fazendo com que o pensamento da personagem transpasse as páginas do livro. Assim, a Geografia em *O morto* não está em uma descrição rica e detalhada de ambientes, mas no movimento da personagem por entre o espaço e na sua relação com o próprio entendimento de si e do outro.

4. Considerações finais

O morto no mar da Urca está presente em uma das últimas coletâneas da obra de Clarice, representando sua fase de experimentação literária. Nessa experimentação, a escritora manuseia com habilidade singular as relações entre os sujeitos — seus personagens — e o espaço.

A relação sujeito X espaço não é apresentada de modo explícito, mas implícito, o que nos leva a acreditar que a divisão espacial do enredo não é obra do acaso. Usando das linhas — aquilo que é dito — e também das entrelinhas — o não dito, oculto — Clarice constrói uma movimentação espacial que sucinta o embate com o oposto, o contraditório que convive conosco em um mesmo espaço. Ao mesmo tempo, esse conflito, que se inicia a partir de opostos afastados, caminha, aos poucos, para uma conexão de identidades.

Tal processo não se restringe ao campo do sujeito e seu intelecto singular, mas ultrapassa-o, construindo uma realidade espacial contraditória, com a simultaneidade de eventos concorrendo pela atenção da personagem. A coexistência da morte com a prova de um vestido revela a banalização da violência nas grandes cidades. A morte — violência contra a vida — é ofuscada por outros acontecimentos, tornando-se banal.

No campo da ciência geográfica e buscando a reaproximação entre Geografia e Literatura, pensamos que a obra de Clarice Lispector tem muito a contribuir na construção de uma interface que não seja meramente descritiva, mas que permita, a partir do texto literário, o desenvolvimento de compreensões espaciais que captem o movimento do sujeito no espaço, como um *ator construtor* e um *ator construído* por esse mesmo espaço. Exatamente pelo fato de não se tratar apenas de uma descrição do espaço, mas da compreensão do que é existir e movimentar-se nesse espaço, acreditamos que os textos de Clarice são de grande valia para a construção do raciocínio geográfico.

A título de conclusão, cabe dizer que nosso objetivo nunca foi aproximar Clarice a uma ou outra escola geográfica. A escritora evoca, em seus textos, muito além da mera subjetividade do ser, ao mesmo tempo em que desperta o interesse pelo espaço no qual seus personagens se desenvolvem. Dessa forma, longe de ser uma escrita com diminuta preocupação social, a literatura clariciana demonstra um potencial de análise geográfica inato, sendo seu interesse

ao geógrafo inversamente proporcional à profundidade com que sua obra tem sido estudada pela comunidade geográfica.

5. Referências

ALMEIDA, Joel Rosa de. **Onde estivestes de noite**: a experimentação do grotesco. 2001. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em:

<<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-08092022-082157/pt-br.php>>. Acesso em: 5 dez. 2023.

ANDRUCHIW, Ana Claudia Pereira. **A pecadora queimada e os anjos harmoniosos**: o nomadismo nos escritos do exílio Clarice Lispector. 2020. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020. Disponível em: <<https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3214>>. Acesso em: 6 dez. 2023.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **População em situação de rua**. Brasília: Governo Federal, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/populacao-em-situacao-de-rua/publicacoes/relat_pop_rua_digital.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2024.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. Por uma Geografia Literária: de leituras do espaço e espaços de leitura. **Revista da ANPEGE**. v. 16. n.º. 31, p. 191 - 201, 2020. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12100>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

CURI, Simone Ribeiro Costa. **A escritura nômade em Clarice Lispector**. 1998. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/77652>>. Acesso em: 5 dez. 2023.

FERNANDES, Felipe Moura. Geografia e Literatura (ciência e arte): proposições para um diálogo. **Espaço e Cultura**, [S. l.], n. 33, p. 167-176, 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/8472>>. Acesso em: 16 jan. 2024.

_____. Uma imagem da produção em Geografia e Literatura no Brasil. **Revista da ANPEGE**. v. 16. n.º. 31, p. 377-404, 2020. e-ISSN: 1679-768X. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/13012>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

KIMBLE, George Herbert Tinley. **A Geografia na Idade Média**. Londrina: Ed. UEL, 2000.

LINS, Osman. Espaço romanesco e suas funções. In: _____. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

LISPECTOR, Clarice. **Onde estivestes de noite**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MARANDOLA JR, Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 34, n. 3, p. 487-508, set./dez. 2009. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4795>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

MARQUES, Ana Carolina de Oliveira; CHAVEIRO, Eguimar Felício. O rato de Clarice – cartografias de linguagem. **ENTRE-LUGAR**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 13–24, 2017. DOI: 10.30612/el.v8i15.7279. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/view/7279>>. Acesso em: 5 dez. 2023.

MARTINHO-FERREIRA, Patrícia. Urban Space and Female Subjectivity in Contemporary Brazilian Literature. **Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 110-130, 2016. California Digital Library (CDL). <http://dx.doi.org/10.5070/t461030927>. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/8j10r03g>>. Acesso em: 29 jan. 2024.

MONBEIG, Pierre. Literatura e Geografia. In: _____. **Ensaaios de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: Editora Martins, 1940.

_____. O Estudo Geográfico das Cidades. In: _____. **Novos estudos de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: Difel, 1957.

RESENDE, Sandra Faria de; FRANCISCATTI, Kety Valéria Simões. Morte e vida nos contos de Clarice Lispector: reflexões sobre as potencialidades da literatura e os limites da formação cultural. In: CONGRESSO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA UFSJ, 8., 2008, São João del Rei. **Anais [...]**. São João del Rei: Ufsj, 2008. p. 1-20. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/xv_cpc/modtrabcompl.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2023.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2017.

SUZUKI, Júlio César. O espaço na narrativa: uma leitura do conto “preciosidade”. **Revista do Departamento de Geografia**, vol. 19, pp. 54-67, 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/47252>>. Acesso em: 30 jan. 2024.

WALDMAN, Berta. O estrangeiro em Clarice Lispector. **Revista de Crítica Literária Latinoamericana**, vol. 24, n. 47, pp. 95–104, 1998. Disponível em: <<https://doi.org/10.2307/4530968>>. Acesso em 18 jan. 2024.